



A FLORESTA DE KELPS

SAMUEL LAURENCIO DOS SANTOS

A FLORESTA DE KELPS

O Amor e a Onipresença de Deus

Samuel Laurêncio dos Santos

ATENÇÃO!

**Este livro ainda esta em fase de
revisão, por isso contem falhas
gramaticais, de concordância e
erros de digitação**

AUTOR

Samuel Laurêncio dos Santos

REVISÃO GERAL

Noemi Aquino dos Santos

REVISÃO ORTOGRAFICA E GRAMATICAL

Noemi Aquino

PRODUZIDO POR

CONTATOS:

(11) 2837-7877 (11) 96575-8221

e-mail: sam.em@ig.com.br

Acesse o blog Samuellaurencio.blogspot.com

ANTROPOMORFISMO

Quando ligo a TV lá está ele

O Antropomorfismo

O gato persegue o rato ereto como gente

Mero irrealismo

As pessoas se divertem com o cão Imitando gente

Sentado no sofá da sala, um homem sorri

Como um demente

Falando sério é meio estranho

Mas é divertido ver um bicho falando feito gente

Gravata xadrez, paletó listrado

Bem elegante

Triste mesmo é ver gente imitando bicho

Batendo, matando feito selvagem

Quando o Antropomorfismo se inverte

E o homem muda sua imagem

DEDICATÓRIA

Lembro-me de quando cheguei àquela cidadezinha chamada Costa Rica, em Matogrosso do sul. Fui enviado por um grupo de comunicação para gerenciar o departamento comercial de uma das filiais da Rádio Globo. Na época eu havia deixado de pastorear, como evangelista, em São Paulo a Assembléia de Deus – Ministério Segue-me, um ministério pequeno e independente que não existe mais.

Era a Igreja Mundial do Poder de Deus, ministério conhecido na mídia. A reunião estava cheia, e no fim do culto o pastor Marcelo me convidou a ajudá-lo nos cultos. De pronto declinei o convite, pois era um estilo diferente do que eu estava acostumado. Mas mesmo assim auxiliiei-o durante o tempo em que permaneci na cidade.

Quando voltei a São Paulo recebi a notícia de que o pastor Marcelo (hoje Bispo), havia iniciado juntamente com mais alguns pastores e irmãos um novo ministério.

Fui convidado a iniciar e dirigir uma igreja do novo ministério em São Paulo. Fui ordenado a ministro do evangelho e durante dois anos estive a frente da Igreja da Restauração de Vidas na Capital Paulista. Esse livro é dedicado ao Bispo Marcelo Tadeo Iobbi e a todos os membros da Igreja da Restauração de Vidas. Obrigado por tudo!

INTRODUÇÃO

Esse livro é baseado nas doutrinas da Onipresença e Onipotência de Deus. Ele é onipresente, pois está em todos os lugares. Não adianta esconder-se Dele. Você não está tão longe e tão esquecido que a mão de Deus não possa te alcançar. Deus é onipotente. Esse livro relata a interferência de Deus mesmo no fim do mundo e no fundo do Oceano. Todas as coisas podem ser feitas por Ele sem exceção. Ele muda, conserta, faz o Sol parar.

A história deste livro é contada na primeira pessoa, mas gostaria de deixar bem claro que não é biográfica, pois todas as situações e locais citados nesse relato não foram visto ou vivenciado por mim. É uma obra de ficção e não baseado em fatos reais.

Fui impelido a escrever esse livro logo após terminar o livro “A Viagem”. Pela minha relutância passei algumas noites mal dormidas, e outras tentando começar a história.

Demorei quase dois anos escrevendo. O desafio desse livro foi criar do nada algo. Por isso espero que você goste da mensagem do livro e essa mesma mensagem possa impactar a sua vida.

Boa leitura.

PRÓLOGO

O culto estava cheio, com as pessoas alegres e glorificando a Deus. Ao meu lado no púlpito havia muitos ministros do evangelho e alguns presbíteros alegres. Na frente do altar cantava um louvor uma senhora afro descendente:

“Ele quer te dar água pra beber”.

“Ele quer te dar água pra beber...”

O céu parecia estar se aproximando do púlpito de tanta glória. Uma borboleta entrou na igreja e passeava pelos bancos cheios de pessoas louvando a Deus, deu um rasante no púlpito e seguiu para a porta passando pelos diáconos. Eu sabia que haveria de acontecer algo especial naquela noite. Num repente eu vi... Lá estava ele de branco no corredor principal.

As vestes eram brancas e brilhantes. Seus cabelos longos jogavam de um lado para outro com os movimentos da dança e nas mãos um cântaro alvo. Era ele que dançava no meio da congregação. Não poderia ser um anjo sim o próprio filho de Deus, o Yeshua Hamashia.

Contive-me, pois se eu dissesse o que havia visto todos iriam achar bonito, mas não acreditariam. Enquanto a irmã cantava, eu o observava dançando na congregação. E foi assim da mesma maneira que apareceu sem alarde e sem aviso desapareceu. Mas eu tinha certeza de que Ele havia desaparecido do alcance da minha visão limitada, mas continuava ali até o final do culto.

PRÓLOGO

O culto estava cheio, com as pessoas alegres e glorificando a Deus. Ao meu lado no púlpito havia muitos ministros do evangelho e alguns presbíteros alegres. Na frente do altar cantava um louvor uma senhora afro descendente:

“Ele quer te dar água pra beber”.

Ele quer te dar água pra beber...”

O céu parecia estar se aproximando do púlpito de tanta glória. Uma borboleta entrou na igreja e passeava pelos bancos cheios de pessoas louvando a Deus, deu um rasante no púlpito e seguiu para a porta passando pelos diáconos. Eu sabia que haveria de acontecer algo especial naquela noite. Num repente eu vi... Lá estava Ele, de branco, no corredor principal.

As vestes eram brancas e brilhantes. Seus cabelos longos jogavam de um lado para outro com os movimentos da dança e nas mãos um cântaro alvo. Era ele que dançava no meio da congregação. Não poderia ser um anjo sim o próprio filho de Deus, o Yeshua Hamashia.

Contive-me, pois se eu dissesse o que havia visto todos iriam achar bonito, mas não acreditariam. Enquanto a irmã cantava, eu o observava dançando na congregação. E foi assim da mesma maneira que apareceu sem alarde e sem aviso desapareceu. Mas eu tinha certeza de que Ele havia desaparecido do alcance da minha visão limitada, mas continuava ali até o final do culto.

O FIM DO MUNDO

Minha mãe sempre dizia que Itaquera era o fim do mundo. Minha tia morava lá e nós morávamos em Santo Amaro. Pegar a Vinte e Três de Maio e depois toda a Radial Leste, para minha mãe era mais longe do que chegar em Sorocaba. A casa de minha tia era espaçosa e numa rua tranquila com ar de interior, tinha um quintal grande. Nós morávamos em um apartamento de dois quartos. Por isso eu gostava mais da casa da minha tia no fim do mundo, do que a nossa bem localizada.

Fui criado na igreja evangélica. Meus pais eram obreiros e por isso, por livre e espontânea pressão eu frequentava os cultos. Quando criança tudo bem, mas depois, na adolescência, frequentar a igreja era pagar mico demais.

Eu achava os cultos incoerentes, com o reverendo Sérgio pregando e repregando, aos gritos, os mesmos sermões todos os domingos. A minha vontade era fugir para o fim do mundo.

E era isso que eu fazia todos os finais de semana. Eu saía de casa na sexta e só voltava segunda pela manhã. A casa de minha tia era mais legal, pois ninguém era obrigado a fazer nada que não gostasse. Minha tia também era evangélica, mas não pegava no pé de meus sobrinhos para frequentarem os cultos. Meu tio era corintiano. Ele dizia que o Corinthians era uma religião. Nada fez o meu tio ficar mais contente do que a construção do Itaquerão e da conquista da primeira libertadores pelo Corinthians. O Fim do Mundo para mim se tornou sinônimo da vida que eu queria ter. Era o meu refúgio aos finais de semana.

Quando fiz dezoito anos prestei vestibular para fazer biologia e passei. Estudei durante quatro anos e quando me formei ingressei na área de pesquisa marinha.

Viajei todo o litoral de São Paulo e Nordeste, com o apoio de patrocinadores. Meu trabalho despertou o interesse de alguns laboratórios importantes do país ao ponto de financiarem pesquisas fora do Brasil.

Depois de uma pesquisa sobre os Kelps, decidi visitar a região da América do Sul onde exista uma floresta aquática: O Estreito de Magalhães. Estas florestas aquáticas maravilhosas geralmente crescem em águas frias chegando a 65 metros de altura. Os Kelps são algas, e formam imensas florestas submersas ao longo do estreito de Magalhães, no extremo sul do continente americano. Elas também se proliferam nos demais canais e fiordes do sul do Chile e da Terra do Fogo, por isso resolvi passar uma temporada em Ushuaia que é uma cidade da Argentina e capital da Província da Terra do Fogo. A cidade de Ushuaia é a mais austral do mundo e por isso conhecida como “A cidade do Fim do Mundo” (La ciudad del Fin del Mundo).

Foi na iminência de viajar a trabalho para Ushuaia que falei a minha mãe: “Vou até o fim do mundo, mãe. Lá com certeza não haverá os sermões chatos do reverendo Sérgio!”. Minha mãe olhou com olhar fixo, séria e autoritária e disse: “Você poderá ir ao fim do mundo e nunca se esconderá do Deus Vivo, Ele te alcançara!” A conversa acabou aí. Eu permaneci calado e pensativo: “Será que Deus estará no fim do mundo quando eu precisar Dele?”

USHUAIA

Na viagem para Ushuaia fui pensando: “Estou indo para o que mais pode aproximar-se do fim do mundo. Será que Deus me alcançaria lá.” Eu queria ser alcançado por Deus, não com os sermões viciados do Reverendo Sérgio, mas que Ele, o próprio Deus se mostrasse de forma viva e eficaz na minha vida.

Ao chegar na cidade pude notar que era muito agradável, com muitos montes em volta. Tinha um porto onde pude observar vários barcos e navios transatlânticos gigantescos, e avistei também o fabuloso Monte Olivia. O centro da cidade era muito bonito lembrando uma cidade suíça. A primeira coisa que fiz foi visitar a casa da escritora Lucinda Otero. Era uma casinha de madeira, pintada de branco e telhados azuis que ficava em uma esquina. Tomei um café no Ramos Generale. Esse café é incrível! Parece um armazém antigo.

Enfim eu estava no fim do mundo e me sentia muito bem. É claro que o clima não era o que eu estava acostumado, mas tudo era novidade. A casa da minha tia em Itaquera era o meu refúgio do apartamento apertado em Santo Amaro. E Ushuaia era agora o refúgio do mundo que até então eu havia vivenciado. É claro que estava lá a trabalho, mas tinha algo me dizendo que eu iria viver naquele lugar algo sobrenatural vindo da parte de Deus. Eu teria um encontro com Deus no fim do mundo?

Numa noite após me deitar fiquei rolando na cama de um lado para o outro, de repente ouvi um raio que desceu do céu e caiu na janela do meu quarto. Estava escuro e na penumbra percebi acender a figura de um homem de barba e túnica branca. Fiquei paralisado com o ocorrido esperando que alguém viesse ver o que acontecera. O homem de barba estava iluminado e pude observar seus olhos azuis e sua feição gentil e ao mesmo tempo autoritário.

Ele me encarou e disse: “Eu estou aqui filho! Estou em todos os lugares! Ninguém pode se esconder da minha presença”. Num repente a luz se apagou e o homem desapareceu, ficando apenas as cortinas do quarto se movendo pelo vento gelado que entrava pela janela semiaberta. No outro dia perguntei as pessoas se haviam ouvido algo estranho á noite, e todos responderam não ter visto ou ouvido nada. Fiquei sem saber se aquilo era real ou estava sonhando.

Aquela região da Argentina era conhecida como a Terra do Fogo e Ushuaia era a capital da região. A cidade havia abrigado um presídio que estava desativado e atualmente era o museu marítimo. A fauna era muito rica com a presença de espécies como: o guanaco e a raposa. O condor, o pinguim, o pica-pau, o ganso, gaivotas, albatrozes, petréis e skuas. Nos mares eram encontradas duas espécies de lobos-marinhos, a toninha, o golfinho-austral, inúmeros peixes, crustáceos e moluscos.

Fiquei na cidade estudando a fauna e a flora durante uma semana e depois resolvi partir para encontrar as florestas de Kelps que no estreito de Magalhães eram enormes e muito ricas em espécies. Aliás, eu estava ali por esse motivo. A pesquisa destas algas marinhas seria o trabalho mais importante de minha vida até então.

O ESTREITO DE MAGALHÃES

A distância de Ushuaia até a Cidade de Punta Arenas no Chile era de aproximadamente seiscentos quilômetros. A empresa que me patrocinara disponibilizou-me uma s.u.v. quatro por quatro que foi muito útil nas estradas de rípio daquela região. Atravessei a fronteira sem problema e segui até Baía Azul, ponto final da Terra do Fogo de onde saem às balsas que atravessam o Estreito de Magalhães. Depois da travessia parti para a cidade de destino: Punta Arena onde iria iniciar minha busca pelas Florestas de Kelps.

A cidade de Punta Arenas possui uma população de cento e cinquenta mil habitantes. Esta colorida e movimentada cidade está escondida no fim do mundo, localizada na península de Brunswich, às margens do Estreito de Magalhães.

O estreito de Magalhães é uma passagem navegável de aproximadamente seiscentos quilômetros, ao sul da América do Sul. Situa-se entre o continente ao norte da Terra do Fogo e cabo Horn ao sul. Este estreito é a maior e mais importante passagem natural entre os oceanos Atlântico e Pacífico. O navegador português Fernão de Magalhães foi o primeiro europeu a navegar pelo estreito em 1520. O estreito ainda é conhecido pela dificuldade de navegação, devido ao clima hostil e à sua pequena largura. Mesmo assim, antes da criação do Canal do Panamá, o estreito de Magalhães era a única passagem utilizada para atravessar do Atlântico ao Pacífico, evitando assim o tempestuoso cabo Horn.

Estabeleci-me na cidade com o único objetivo de mergulhar nas Florestas de Kelps, mas antes visitei a Reserva Nacional Magallanes. Belas paisagens dão origem a uma variedade de vegetação, além disso, uma variedade de arbustos. A reserva é muito bem organizada com trilhas e banheiros com chuveiro de água quente.

Ali tive contato com roedores, raposas vermelhas, raposas cinzentas e na parte mais alta da reserva pude ver um puma.

Após três dias alugamos um barco, enchemos de equipamento de mergulho e seguimos pelo Estreito de Magalhães a busca dos Kelps.

O MERGULHO

Conosco estavam alguns instrutores chilenos que conheciam muito bem a região. No local indicado por eles mergulhamos e lá estava a magnífica floresta. Eu poderia ter viajado para a África do Sul ou a Califórnia onde as florestas de Kelps são mais abundantes, mas ali naquele local estava perfeito para a realização da minha pesquisa.

Entrei pela floresta, onde ela fica mais intensa e as rochas formam túneis e cavernas que abrigam animais de variadas espécies. Numa dessas cavernas mergulhei com todas as minhas forças sem se importar com as limitações e no meio da pequena caverna pude observar uma luz forte, que se apagou lentamente, revelando que a pequena caverna era maior do que eu imaginava.

A floresta também me pareceu mais cheia e intensa como um bosque da superfície. De repente olhei e vi um homem com calda de peixe. Seria uma sereia se não fosse a barba e os três chifres na cabeça. “Ola amigo!”, disse ele. Fiquei assustado com aquela criatura mitológica em minha frente e disse: “Você é um tritão”. “Não sou Pericles. Moro ali”, mostrando ao longe uma cidade embrenhada na floresta de kelps. No meio da cidade havia um grande edifício e as demais construções eram iguais umas as outras.

Enquanto eu observava a cidade aquática que num passe de mágica apareceu na minha frente, outros homens com calda de peixe apareceram. Entre os homens havia mulheres que se pareciam com sereias. Descobri que não eram sereias. Aliás eles nem tinham conhecimento de sereias. Sereias são seres mitológicos e mágicos que nós humanos inventamos.

Eles me receberam de bom grado e perguntaram de onde eu vinha. Expliquei o que havia acontecido, e isso os deixou admirados. Sabiam que havia outros seres na superfície, mas nunca haviam mantido contato. Aquele local segundo eles era muito distante da superfície. Mesmo se quisessem ir a superfície nunca chegariam lá, pois era muito distante. Fiquei sabendo que muitos deles, motivados pela curiosidade seguiram em direção a superfície e nunca mais voltaram. Provavelmente haviam morrido pelo caminho.

A questão era: “Como eu havia chegado aquele lugar no fundo do mar, tão distante em tão pouco tempo”. E aqueles seres aquáticos estranhos, quem eram?

OS ESCRITOS DA SUPERFÍCIE

A religião daquele povo, que vim descobrir eram kelfs, baseava-se em alguns escritos vindos da superfície, que eles guardavam dentro de uma caixa de vidro blindada e segura. Aqueles dois pedaços de papel era a jóia mais preciosa que eles possuíam.

Fiquei curioso em saber o que havia naqueles escritos. Pedi para que Péricles me levasse ao local onde eles estavam. Ele me respondeu sorrindo: “Claro” - e me levou até o templo onde todos os kelfs os liam, pelo menos uma vez ao mês.

O templo era moderno e nada lembrava aquelas arquiteturas antigas comuns na superfície.

Na fachada havia uma viga sobressalente que formava um “V” arrojado. Dentro do templo havia escrito “Kadosh” em letras garrafais, sob a caixa de vidro que guardava os escritos sagrados.

Eu conhecia aquela palavra, através da igreja do pastor Sérgio, mas desconhecia o seu significado.

- O que significa Kadosh. – Perguntei. - É uma palavra Hebraica e significa “Santidade”. - Respondeu um kelf aparentando mais velho que possuía uma espécie de cavanhaque. - Olá professor! – Disse Péricles, com tom amigável.

Era o professor Oslo. Oslo era um grande pesquisador da superfície. Havia uma lenda que ele havia estado lá por alguns minutos e pode observar grandes maravilhas. Aquele povo estranho, admirava a superfície, mesmo que nunca puderam chegar lá. Para eles nós éramos uma raça superior.

- Vocês falam português e conhecem hebraico? – Perguntei admirado. - Sim. – Respondeu Oslo – Falamos todas as línguas da superfície, porque não falamos com os lábios e sim com o pensamento.

Eles não se comunicavam como nós através de sons e sim através de telepatia.

Aproximei-me da caixa de vidro, e havia uma fila de alguns kelfs para poder ler os escritos, e pude ver duas páginas da Bíblia que continha o Evangelho de João, capítulo 2, versículo 8 até o capítulo 5, versículo 9. Dava para ver grifado de amarelo fluorescente o versículo 16 do capítulo 3.

“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, Para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

Fiquei parado olhando aqueles dois pedaços de papel. Não poderia acreditar que duas simples páginas de uma Bíblia fossem o maior tesouro daquele povo.

- Mas são só duas páginas de uma Bíblia! – Disse eu a Péricles e Oslo.

- Não... Não são apenas duas páginas de um livro, mas as Palavras do próprio Deus! – disse Oslo com brilho no olhar.

Eu tinha uma Bíblia inteira na superfície e não dava à mínima, e aqueles seres aquáticos tinham tanto apego por apenas um pequeno fragmento do Evangelho de João.

OS VALORES DO KELFS

Enquanto eu andava na ruas, os seres daquele lugar queriam me tocar. Ficavam felizes por apenas estarem próximo de mim por alguns instantes. Não eram pegajosos, e sim se aproximavam com muita elegância e logo saiam jubilosos.

Havia bens materiais diversos, e todos eram prósperos. Nunca ficavam doentes e a cultura era algo que todos tinham. Certa vez passei em frente a uma joalheria e observei que as jóias não valiam tanto. O que mais valia na cidade eram os alimentos. Um quilo de trigo era mais valioso do que o ouro, pois segundo eles, o ouro não poderia salvar uma vida de morrer de fome se não existisse alimento.

- Uma pessoa num lugar deserto durante três meses não sobreviverá sem alimento, mesmo com um imenso tesouro. Já uma pessoa sem ouro algum, num lugar deserto, se essa pessoa possuir alimentos ela sobreviverá. Por isso os alimentos são mais valiosos do que o ouro. – me explicou Péricles.

Os valores dos Kelfs eram algo que fazia sentido. Mas eu não entendia porque eles davam tanto valor ao texto de João 3.16 e as coisas da superfície.

- Deus, que está além da superfície, ofereceu seu próprio Filho! Isso é magnífico! Isso é o verdadeiro amor – disse Oslo

Oslo me explicou que os Kelfs tinham vários deuses, mas após descobrir o Deus de João 3.16 tornaram-se monoteístas. Nenhum deus, por mais poderoso que fosse, poderia dar seu único filho para morrer por seres inferiores. Só o Deus de João 3.16.

Eles nos admiravam porque, nós da superfície éramos o povo na qual Deus deu seu Filho. E se Deus fez isso por nós éramos muito especiais. Nenhum deus havia feito isso por eles. Era o ápice do amor incondicional.

Nas florestas de Kelps não havia noite e nem dia. Tudo era uma coisa só. Por isso os kelfs dormiam uma vez ao mês, durante vinte e quatro horas, depois de ler os escritos no templo. Ao acordar voltavam ao templo e liam novamente, para começar uma nova etapa despertos. Eles não oravam, mas liam João 3.16, para dormir e ao acordar.

- Vocês não oram? – perguntei a Oslo

- O Deus, que acreditamos é o seu Deus e nunca nos ouviria. Vocês podem orar, porque Deus sempre os ouvirá. – disse Oslo caxexa.

Fiquei pensativo no que Oslo havia me dito.

Eles amavam a Deus, mesmo que Ele não os ouvisse. Eu não suportava as pregações do reverendo Sérgio, pelo fato de me exortar a orar. Orar para mim eram uma coisa chata e intediante. Para aquele povo deveria ser maravilhoso, saber que Deus os ouviria. Eles também não cultuavam, pois sabiam que Deus não receberia o culto e nem aceitaria as suas adorações.

A CIDADE DOS KELFS

Estava em uma cidade estranha no fundo do mar. O povo era estranho: troncos humanos e calda de peixe. Os animais domésticos mais comuns, aparentavam uma baleia azul translúcida que parecia possuir uma luz fluorescente no seu interior. Não havia veículos, pois todos se movimentavam com facilidade mergulhando. As casas eram todas iguais, exceto o templo que se diferenciava das construções locais.

Viviam em regime comunista, mas não aquele comunismo autoritário dos países comunistas da superfície, mas um comunismo que dava certo. Era como se eles conhecessem Atos 2.42-47 e vivessem o que a bíblia diz sobre os primeiros cristãos. Não falavam palavrões e não praticavam crimes.

Nas ruas havia ouro e pedras preciosas jogadas e eles não davam valor. Uma pedra por mais rara que fosse não valeria nada se não pudesse salvar uma vida ou ajudar uma pessoa.

Pensei: "Se esse povo soubesse que muitos matariam por aquele ouro que eles desprezavam". Alimentavam-se das folhas dos Kelps e algas marinhas, que eram abundantes em seus mercados. A elegância era algo que me chamava a atenção. Conversavam de maneira sóbria e com muita cordialidade. Era um povo que buscava viver piedosamente e de maneira prudente.

A PRIMEIRA VISITA A SUPERFÍCIE

Depois que deixei a presença de Péricles e Oslo, me afastei da cidade e fui até a floreta, que para minha surpresa não era de Kelps e sim uma floreta comum da superfície, com árvores gigantescas, cipós e um riacho. Sim, havia um riacho no fundo do oceano! Eu não andava e sim mergulhava entre as árvores e cipós, e não sei como, mas já havia estado ali. Era um lugar glorioso e eu podia sentir um arrepio dentro de mim, que me trazia muita alegria.

Tive uma visão: estava na superfície numa floresta como aquela. No meio da floreta havia um grupo de pessoas, e eu podia me ver lá também, orando numa clareira. Conforme orávamos os gravetos se iluminavam. A oração aumentou e ficou mais fervorosa. De repente os troncos e folhas das árvores também se iluminaram num raio de cinco metros.

Fiquei admirando aquele milagre, de repente a visão se foi e voltei em si. Já não estava na floresta. Havia chegado num lugar lindo de águas cristalinas e no fundo do mar era uma areia branca mesclada com algumas pedras alvas e brilhantes. Na minha frente uma imensa muralha que seguia até a superfície. Era um local lindo e me dava muita paz. Olhei para cima e pude ver os raios de sol penetrarem na água.

Num ímpeto mergulhei em direção à superfície e emergi. Pude ver uma estrada serrana com enormes rochedos e montanhas ao redor. A muralha no fundo do mar, era um rochedo gigantesco que sobressaía do nível da água mais uns duzentos metros. O lugar era estranho e magnífico ao mesmo tempo.

Mergulhei novamente e fiz o caminho inverso até chegar à cidade dos Kelfs. Conteí a Péricles e Oslo que chegue facilmente a superfície. E eles também poderiam chegar.

- Sim. Você chegou com facilidade à superfície, porém nós o kelfs, nunca chegaremos lá. – disse Oslo.

Ele me explicou que a distância, que para mim era curta, para eles eram milhões de anos luz.

- A distância não é física e sim dimensional. – salientou Oslo.

A SEGUNDA VISITA A SUPERFÍCIE

Uma profecia dizia que aquele que amasse com um amor excelente e piedoso, um dia seria levado à superfície e se tornaria um humano. Assim poderia orar Deus o ouviria. Por esse motivo havia na cidade um clima de harmonia e piedade.

Aquele povo não queria ir para o céu, pois o céu era algo muito além do que eles poderiam conquistar. Queriam apenas chegar à superfície. Aquele povo não queria nada miraculoso, apenas orar e ser ouvido por Deus.

Eu comecei a entender que tudo o que eles desejavam eu já possuía. Eu não precisava entrar numa fila para ler fragmentos do Evangelho de João, tinha na superfície uma Bíblia inteira para ler quando eu quisesse.

Não precisava de esperar cumprir uma profecia para chegar à superfície para, se possível Deus me ouvir. Sabia e tinha certeza de que se eu me dispusesse a orar Deus ouviria e me atenderia. Senti-me um privilegiado.

Oslo me levou a uma casa onde havia muitos objetos de naus que naufragaram. Mostrou-me orgulhoso uma estrela de Davi e um Memorá de ouro que tinha sido recuperado dos destroços de um navio hebreu.

Fui à superfície mais duas vezes. A primeira vez fui com o objetivo de sair daquele lugar, mas senti um desejo enorme de voltar, e acabei voltando.

Estava sentado num tronco de árvore próximo a entrada da cidade quando resolvi num salto, romper a superfície.

Percebi que após as copas das árvores havia uma espécie de portal invisível, ao atravessá-lo pude ver as florestas de Kelps e em seguida emergi numa lagoa enorme. Em volta da lagoa uma cidade barulhenta, com comércio e avenidas largas. Notei que ao sair da água minhas vestes estavam secas inexplicavelmente. Segui a um comércio e logo um senhor de cabelos grisalhos me cumprimentou com sotaque nordestino:

- Bom dia! Era de manhã e o sol brilhava de forma intensa naquela cidade desconhecida.
- Bom dia! – respondi – Que cidade é esta.
- Ué, não sabe onde está galego? Tu tá em João Pessoa, Paraíba.

Anos depois consultei na internet e descobri que João Pessoa possuía dois grandes lagos, e emergi de um deles.

A conversa com aquele homem de cabelos grisalhos e de meia idade rendeu. Falamos sobre a cidade, sobre o clima e muitas outras coisas. Ele me contou que era de São Paulo e que chegou na cidade falido e devendo, mas Deus o havia abençoado naquela cidade. Ele conquistou aquele comércio e com ele comprou casa, carros, e propriedades. Estava muito bem naquele lugar.

Ao findar da tarde depois de vagar sem rumo pela cidade voltei ao lago e me joguei ouvindo os protestos de dois senhores pedindo para não fazer aquilo. Voltei à cidade dos Kelfs.

A TERCEIRA VISITA A SUPERFÍCIE

A terceira e última visita a superfície aconteceu por acaso. Queria ver a floresta de Kelps e emergi até encontrar. Comecei a mergulhar por entre os kelps, naquela floresta estranha e gelada, quando uma corrente de água morna me alcançou levando-me a superfície. Com a cabeça para fora d'água, pude ver dois pequenos lagos típicos do interior, que são conhecidos como "represa". Uma estrada estreita cortava os dois lagos numa espécie de aterro. Saí à superfície e caminhei rumo a estrada, de onde pude ver que estava na periferia de uma pequena cidade. Vez em quando passava alguns carros e algumas pessoas de bicicletas. Não fiquei muito tempo neste local e retornei a cidade dos Kelfs.

Essas três visitas a superfície me fizeram entender algumas coisas. A primeira visita Deus havia me levado a um local magnífico e glorioso, para me mostrar sua onipotência, seu esplendor e glória. A segunda visita ele me levou a uma grande cidade para me mostrar que mesmo transcendente Ele é imanente. Ele se importa com seus filhos, por isso fez aquele homem falido, que morava em São Paulo se mudar para uma cidade do Nordeste e prosperar. A terceira visita me enviou para a periferia de uma cidade, sem asfalto e com esgoto a céu aberto, para me mostrar que existem pessoas que vivem a margem daquilo que Ele pode proporcionar a ela, assim como eu.

Deus havia me mostrado ali no fundo do mar o valor da Palavra que eu desdenhava. Mostrou-me o privilégio de orar e ser ouvido por Deus.

O Senhor me amou tanto que “deu seu Filho unigênito para morrer em uma cruz e me salvar”.

Ele tinha muito mais a me proporcionar e eu insistia em viver as margens do favor Dele. Eu tinha tudo de Deus e não dava valor. Os Kelfs não tinham nada, nem mesmo a atenção de Deus, e se esforçavam, mesmo sem garantia alguma.

De repente me deu uma saudade das pregações do reverendo Sérgio, dos louvores e da igreja, que eu fugira tantas vezes.

O ENTENDIMENTO

Ele estava na glória junto com o Pai. Era o próprio Deus. Nós estávamos perdidos e fadados à morte eterna. Não havia esperança para nós. Mas Deus nos amou tanto que permitiu que Cristo se esvaziasse de sua Glória e habitasse na terra. Nasceu de uma mulher e trabalhou como carpinteiro. O próprio Deus trabalhando de carpinteiro por causa da humanidade! Pregou durante três anos e foi preso pelos sacerdotes. Humilhados pela religião da época e depois humilhado pelos romanos. Foi julgado e no julgamento popular foi considerado culpado. A culpa era nossa, mas Ele se fez culpado em nosso lugar. Caminhou com a cruz nas costas levando sobre Ele nossas mazelas e maldições. Suas mãos foram pregadas com pregos e fixado a uma cruz, foi crucificado e morreu. Mas ao terceiro dia ressuscitou, como primogênito dos que dormem, para que todo aquele que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

E eu não havia entendido tudo aquilo durante toda a minha vida. Compreendi que fui enviado ao fundo do mar gelado, para entender através da onipresença e do amor de Deus, que eu era um privilegiado. O tesouro que eu mais procurava não valia nada comparado ao que Deus queria fazer em minha vida. Cristo se importava comigo de maneira singular e surpreendente.

Ali no fundo do mar, na cidade estranha dos Kelfs eu chorei e pedi perdão a Deus pelos meus pecados. Queria voltar novamente à superfície, mas desta vez para ficar e viver uma vida diferente daquela que eu vivenciara até aquele dia. Os meus valores mudaram; a partir de então. Agora o meu maior tesouro não era uma boa faculdade, um bom emprego, fama ou dinheiro. O meu maior tesouro eu descobri no fundo do mar, era entender o Evangelho de João 3.16.

Levantei-me e caminhei alguns metros, foi quando senti uma pancada muito forte na cabeça e desmaiei.

O BIÓLOGO SE TORNA MINISTRO DO EVANGELHO

Acordei ainda com a cabeça doendo e percebi a minha volta muitos aparelhos médicos. Estava na U.T.I de um hospital em Ushuaia. Eu havia sido ferido por um animal aquático e estava em coma médico, já a alguns dias.

A enfermeira saiu correndo e me perguntou em espanhol se eu a ouvia. "Sim eu a ouço" disse eu, e logo após apareceu um dos instrutores chilenos que me acompanhou no mergulho. Ele me contou que após eu mergulhar, quando já estava no meio dos Kelps, entrei em uma pequena caverna e um animal aquático me feriu. Eles haviam me socorrido de imediato, e fui levado aquele hospital onde permaneci por uma semana em coma.

A cidade dos Kelfs, as visitas a superfície e tudo que vivenciei era apenas um sonho. Mas parecia tão real, que no meu íntimo eu tinha certeza que havia vivenciado tudo aquilo. Aquela experiência, real ou não, me fez tornar outra pessoa. Deus me visitou no fundo do mar, no abismo da sombra da morte ele me ensinou o segredo da vida eterna. Isso era maravilhoso. Depois que me recuperei dos ferimentos, tive alta e voltei ao Brasil. Conteí o sonho a minha família e eles se alegraram pela minha decisão de servir a Deus. Voltei a frequentar a igreja e me empenhei nos cultos. Me tornei líder de jovens e matriculei-me no seminário teológico. Era um biólogo e agora queria me tornar um teólogo.

Decidi ser um Ministro do Evangelho, e com o apoio do Reverendo Sérgio me formei no seminário após quatro anos. Após a minha formatura auxiliie o Reverendo Sérgio durante um ano; e ao findar daquele ano apresentei a minha tese pastoral baseada em João 3.16.

Dei início a minha homília diante do conselho de pastores, e logo após fui ordenado a Ministro do Evangelho. Agora não estava preocupado com biologia, vida vegetal, marinha ou animal. Estava preocupado com a vida Eterna do homem.

EPÍLOGO

Após a visão do homem de branco com um cântaro na mão olhei ao lado, elá estava o Reverendo Sérgio acenando para mim com um sorriso no rosto aprovando o que eu iria fazer. Levantei e dirigi-me ao púlpito de madeira, abri a Bíblia e li:

O homem levou-me de volta a entrada do templo, e vi água saindo debaixo da soleira do templo e indo para o leste, pois o templo estava voltado para o oriente. A água descia de debaixo do lado sul do templo, ao sul do altar. Ele então me levou para fora, pela porta norte, e conduziu-me pelo lado de fora até a porta externa que dá para o leste, e a água fluía do lado sul. O homem foi para o lado leste com uma linha de medir na mão e, enquanto ia, mediu quinhentos metros e levou-me pela água, que chegava ao tornozelo. Ele mediu mais quinhentos metros e levou-me pela água, que chegava ao joelho.

Mediu mais quinhentos metros e levou-me pela água que batia na cintura. Mediu mais quinhentos metros, mas agora era um rio que eu não conseguia atravessar; e a água havia aumentado e era tão profunda que só podia atravessar a nado; era um rio que não se podia atravessar andando. (Ezequiel 47. 1-5)

Após a leitura, então comecei a homília, sob o olhar jubiloso de aprovação do Reverendo Sérgio. Era meu primeiro sermão na pequena congregação que iria dirigir.

FIM